Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09,2024

ISSN 2178-6925

LUTO MATERNO SOB UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

MATERNAL BEREAVEMENT FROM AN EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL PERSPECTIVE

Bruna Ferretti Pinheiro

Graduanda em Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: brunaferrettipinheiro@gmail.com

Carolina Reggiani Chaparro

Graduanda em Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: carolinachaparro_@hotmail.com

Orientadora: Profa. Juliana de Cássia Leonel

Mestre em Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: juvoleonel@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta uma revisão de uma análise fenomenológica-existencial acerca do luto materno. Foram pesquisados artigos, sem uma demarcação temporal, nas bases LILACS, BVS e Scielo. Discutiram-se os temas abordados dentro da temática do luto materno: a fenomenologia-existencial, a morte, doenças terminais em crianças, a relação mãe e filho, a relação dos pais após a morte de um filho e o luto e o luto materno. Constatou-se que o luto ocorre de uma maneira subjetiva para cada pessoa devido a diversos fatores. E, no caso de doenças terminais, no decorrer do tempo e nas idas ao hospital, desenrola-se um luto antecipatório, ou seja, uma morte que a família sabe que pode acontecer a qualquer momento. Tendo em vista que, a morte sendo um tabu na sociedade ocidental, é pouco discutida e abordada, o que prejudica ainda mais sua compreensão. Por isso, há uma escassez de estudos e artigos sobre o tema, mostrando a importância deste trabalho.

Palavras-chave: Fenomenologia-existencial; Relação mãe e filho; Morte; Dasein; Luto.

Originalmente este foi um trabalho acadêmico, apresentado e aprovado em 2021, como requisito para nota da Unidade Curricular: Perspectivas fenomenológicas existenciais e humanistas, tendo como professores e orientadores Luiz Roberto Marquezi Ferro e Márcia Guimarães Rivas.

Nota de agradecimento às contribuições de Ana P. N. Lacerda, Beatriz Correia, Giovana S. Cordeiro e Gustavo H. Kanasiro, que no trabalho original contribuiram na construção e elaboração do material.

Abstract

The article presents a review of a phenomenological-existential analysis of maternal bereavement. Articles were researched, without a time frame, in the LILACS, BVS and Scielo databases. The topics covered within the theme of maternal bereavement were discussed: existential phenomenology, death, terminal illnesses in children, the mother-child relationship, the relationship between parents after the death of a child and maternal mourning. It was found that bereavement occurs in a subjective way for each person due to various factors, such as the form of the relationship between the deceased and the bereaved. And in the case of terminal illnesses, over time and during hospital visits, anticipatory mourning takes place, i.e., a death that the family knows could happen at any moment. Given that death is a taboo subject in Western society, it is little discussed and addressed, which further hinders its understanding. For this reason, there is a scarcity of studies and articles on the subject, showing the importance of this work.

Keywords: Existential-phenomenology; Mother-child relationship; Death; Dasein; Bereavement.

1. Introdução

A morte de uma pessoa estimada causa grande dor, podendo considerar a perda uma modificação na experiência do existir. Sabe-se que a morte e seus significados são historicamente e socialmente construídos, dessa maneira, falar sobre o tema atualmente e na cultura ocidental, tornou-se tabu, pois, ainda pode ser entendido como algo negativo, logo, algo a ser evitado.

Perder uma pessoa querida e amada pode vir a ser um processo complexo e doloroso. De acordo com passagens dos *Seminários de Zollikon* (Heidegger, 2001), o amor é uma modificação de nossa própria existência e não pode ser distinguido da ideia da cura enquanto consciência de ser no mundo. A partir dessa referência à luz de uma perspectiva fenomenológica-existencialista, em relação a Ser-aí- no-mundo temos estruturas existenciais que com o passar do tempo se modificam conforme interagimos com o mundo, o outro e damos abertura para sermos quem nós somos.

Na medida em que se perde um filho a ordem aguardada do ciclo de vida se altera (Brandão, 2009). Todavia, espera-se que os filhos enterrem suas mães primeiro e de seguimento à prole, nesse falecimento “ao contrário” há uma possibilidade de que sentimentos como a de culpabilização preencha as mães, por meio do pressuposto de que não “cuidaram de seus filhos como deveriam”, por exemplo.

ISSN 2178-6925

Assim sendo, observa-se a necessidade de um estudo voltado para as mães que perderam seus filhos, por ser um assunto pouco abordado e ainda que cause sofrimento, a observação deste presente artigo será assimilar junto a literatura o tema proposto, de modo a despertar o interesse a este tema, aos estudantes e familiares.

Dessa forma, estudar, analisar e refletir acerca do tema em questão torna-se importante, na medida em que as questões presentes, como angústia, durante processo de adoecimento são acometidas por todos aqueles que vivenciam a situação, acarretando sofrimento em diversos âmbitos. Os principais são físicos, psicossociais e financeiros. Em suma, os conhecimentos sintetizados pelo presente trabalho contribuem para entender melhor o luto de mães que perderam seus filhos sob a ótica da fenomenologia-existencial.

1.1 Objetivos Gerais

O objetivo deste artigo de revisão de literatura (ARL), intitulado "Luto Materno sob uma Perspectiva Fenomenológica-existencial", foi investigar, analisar e compreender detalhadamente o processo do Luto materno sob uma perspectiva da Fenomenologia-existencial. Especificamente, o estudo pretendeu identificar e analisar a forma com que as mães enfrentam a perda de seus filhos, compreendendo a relação parental. A identificação dos principais conceitos e consensos na literatura torna-se fundamental, pois permitirá explorar os conceitos fundamentais do Luto Materno.

A análise da relação parental e suas compreensões sobre o luto visa investigar a maneira com que as pessoas lidam e enfrentam essa questão. Reforçada pelo princípio de que, teoricamente, os pais se vão antes dos filhos, ou seja, o que acontece quando o processo é invertido? Como lidar? Quais são as questões que perpassam este contexto?

Para atingir os objetivos, foi adotada a metodologia de revisão de literatura, que permite uma compreensão ampla e detalhada do tema por meio da análise, síntese e interpretação de trabalhos já foram publicados sobre o tema, sem demarcação temporal, nas bases de dados LILACS, BVS e Scielo. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram “Fenomenologia-existencial”, “Relação mãe e filho”, “Morte”, “*Dasein*” e “Luto”. A escolha dessas palavras-chave visa abranger os aspectos essenciais do tema e garantir uma busca abrangente e relevante.

Ao estabelecer esses objetivos, o artigo busca contribuir para a melhor compreensão sobre o luto materno. E, consequentemente, espera-se melhorar a maneira com que essa questão é abordada e tratada na sociedade e nas famílias. A análise desse assunto tem como objetivo oferecer uma fundamentação consistente de informações para a sociedade e, em específico, mães que venham a vivenciar a perda de um filho.

A relevância deste artigo está em proporcionar um entendimento aprofundado sobre o luto materno na visão fenomenológica-existencial, contribuindo para uma reflexão e compreensão do tema, tendo em vista seu tabu na sociedade.

1.2 Metodologia

O presente artigo utilizou a metodologia de revisão de literatura de estratégia documental para a produção científica, que consiste em investigar detalhadamente para uma compreensão ampla do tema escolhido. Para a busca de artigos foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: “Fenomenologia-existencial”, “Relação mãe e filho”, “Morte”, “*Dasein*” e “Luto”.

No levantamento de dados foram realizadas buscas nas bases de dados BVS, LILACS e Scielo, sem demarcação temporal. Assim, todas as informações presentes nas bases pesquisadas que incluíam os termos da pesquisa foram abrangidas.

2. Revisão da Literatura

A fenomenologia como recurso especulativo da vivência humana foi inicialmente proposta por Edmund Husserl (1859-1938), filósofo e matemático alemão. Husserl se adequou do mundo vivido como ponto de egresso para concretizar a sua visão, o que categoricamente aproximou a fenomenologia da psicologia, a fim de encontrar a evidência do próprio conhecimento e do saber.

Husserl acredita que a relação entre consciência e mundo é intencional, havendo uma correlação entre os dois. A consciência intencional faz com que o mundo se manifeste como fenômeno, como significado, demonstrando que a transição da consciência para o mundo possui um propósito para ela.

No sentido de compreender e facilitar o estudo acerca do luto materno na visão fenomenológica-existencial, a elaboração desse artigo decorreu em

ISSN 2178-6925

subtítulos.

Fenomenologia existencial

Etimologicamente, a palavra fenomenologia tem origem no grego "*phainesthai*", e tem seu significado em estudo ou ciência dos fenômenos. Nesse sentido, busca o estudo da compreensão das coisas e como são percebidas no mundo, com o foco na experiência e intencionalidade.

Na virada do século XX, Edmund Husserl, considerado o fundador da escola de fenomenologia, publicou seu primeiro trabalho de grande relevância, *Investigações lógicas* (1900), buscando um campo de fenomenologia pura na qual deveria ser uma forma de investigação transcendental "sem pressuposições".

Nesse sentido, Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, conheceu e trabalhou com Husserl no período de 1919 a 1923, inaugurando o que alguns estudiosos chamam de "década fenomenológica". Em 1927 Heidegger publicou sua obra *Ser e Tempo,* propondo sua ontologia fundamental na busca da compreensão do "ser". Se tornando a principal referência da psicologia fenomenológica-existencial.

Morte

Analisar a morte é primeiramente encontrar uma experiência de esvaziamento de significado, da qual nos falta resolução e explicação. Autores como Morin (1997) definem seu significado como "impensável" e "inexplorável".

Mas, nem sempre a morte foi vista desse modo. Ariès (2003 apud Gomes & Sousa, 2017) separou as ideias da morte em modos históricos, na qual o fenômeno era visto como algo esperado e normal durante a Idade Média, e hoje, com restrição e tabu.

As questões existenciais, como a finitude e seu processo, a angústia, a incerteza do que acontece após a morte e a transitoriedade da existência, faz com que sejam considerados temas evitados na nossa sociedade.

Dentro da perspectiva da filosofia existencial, a morte surge como uma questão intrínseca que permeia toda reflexão acerca da existência. Passa a ser uma das vertentes essenciais do "ser", o qual sugere a possibilidade de o indivíduo descobrir dentro de si mesmo, por meio da sua interação com a morte, o real propósito de sua vida. Não é encarada como algo externo à vida, mas sim como

ISSN 2178-6925

uma parte integrante dela, capaz, portanto, de conduzir as pessoas a alcançarem uma compreensão mais profunda do seu sentido existencial.

Muitas pessoas veem a morte como uma fuga das dificuldades da vida ou acreditam que, através dela, conseguem atingir um estado de plenitude ao se livrar de todos os sofrimentos inerentes à condição humana.

A morte ocupa um lugar central na filosofia de Heidegger. Em sua ontologia fundamental, era exigido um *Dasein*, o ser-aí, dado na sua totalidade, sendo ele, o único ente a possuir um sentido, e o mais importante para a compreensão de todas as coisas. O *Dasein* está sempre à espera de uma possibilidade que ainda não se concretizou, pois sua essência envolve um perpetuo inacabamento, um excedente de poder-ser (Silva, Escola & Rohr, 2017). Nesse sentido, o ser humano pode ser considerado um ser destinado à morte, pois é influenciado por uma temporalidade que constantemente destaca sua finitude.

Portanto, Heidegger não negava morte, e sim, fazia dela a essência da vida. Para ele, a experiência do morrer significa deixar de ser no mundo, o *Dasein* de outro morto é também um já não-ser, um ser que ainda existe.

De acordo com a fenomenologia, pensar sobre a morte como uma estrutura natural e aceitar seu processo, vai fazer com que o ser humano experimente uma qualidade de vida possibilitada, sem todos os medos de que ela nos remete.

Além disso, quando a morte deixar de ser enunciada como um tabu ou da forma com que a mídia sensacionalista apresenta, as pessoas poderão alcançar uma autenticidade maior, parando de sofrer por um passado que não foi tão bom, ou por um futuro que almejamos e às vezes nem se alcança.

E, por fim, perceber a verdade e a importância da finitude nas nossas vidas, que se faz necessário pensar sobre ela e sentir todos os processos que fazem parte da nossa existência.

Doenças terminais em crianças

O processo de adoecimento em conjunto com a hospitalização se torna um episódio que provoca consequências em diversos âmbitos da vida do ser. Faz-se necessário uma assistência que venha a acolher as demandas e as necessidades do sujeito em questão, garantindo seu direito. Tendo em vista que o seio familiar onde o processo de adoecimento acontece, são comuns sentimentos como insegurança, medo e angústia, principalmente no sentido do rumo que sua vida

tomará, dado que a rotina e o futuro sofrerão mudanças.

Observa-se no interior de cada família que a “mãe” se torna a pessoa na qual a criança desenvolve uma conexão mais forte. A figura materna gera e nutre, construindo um papel fundamental para criança, considerando que será ela, a mãe, a pessoa que vai orientar e proteger sua vivência no mundo. Essa ligação ocorre ao longo de todo desenvolvimento, desde o início da gestação até sua finitude.

Os pais compõem essa função tão importante no encadeamento de inseri-la na sociedade, promovendo trocas de afetos, como também dando suporte para a enfrentar as adversidades.

Ao auxiliar a criança que se encontra hospitalizada juntamente com sua mãe, prezando pela individualidade e respeito por ambas e concebendo independência, os profissionais da saúde não somente proporcionam o bem-estar do paciente, mas também cuidam da saúde mental da família. De modo que, ao humanizar o cuidado prestado no hospital, contribui para novas realizações, com princípios, ética, e sem menosprezar as pessoas que ali se encontram de seus aspectos existenciais.

A relação mãe e filho

A conexão entre mãe e filho é fundamental na existência de qualquer indivíduo. Sendo o primeiro vínculo que a criança estabelece, essa relação molda, desde o início, a maneira como ela interage com os outros ao longo da vida, influenciando suas experiências em diversos ambientes, como o profissional, e o amoroso.

Na perspectiva fenomenológica-hermenêutica de Heidegger, o amor pode ser dado como uma modificação existencial, ou um modo de afinação. A afinação “[...] é um modo fundamental, uma maneira fundamental como o *Dasein* é enquanto Dasein, [... ou seja,] que as afinações são maneiras fundamentais, nas quais nós já nos encontramos em tal ou tal modo” (Heidegger, 2004 apud Ferreira, 2016, p. 104).

O amor pode ser constituído como existência, tendo como principal característica a abertura do ser-no-mundo. Portanto, o amor entre mãe e filho consiste em uma abertura para o outro, um ser-com, e nesse processo entre o filho e a doença, ou o filho hospitalizado, se tem a angústia que vem de uma relação empática entre a mãe e a criança. Porque a mãe não apenas “participa” e não

objetiva o filho, mas o compreende como um ser real, dotando-o de sentimentos, sensações e decisões próprias, que devem ser respeitadas. O cuidado autêntico que as mães revelam era chamado por Heidegger de solicitude.

Quando uma criança é hospitalizada, a mãe se mostra comprometida e interessada em compartilhar com seu filho a dor que está vivenciando, e ainda uma maneira de ser o 'porto seguro' dele, uma referência nesse novo ambiente que se apresenta à criança hospitalizada. O cuidado da mãe é caracterizado pelo envolvimento, pela preocupação, e principalmente pelo amor. Porém, esses cuidados não garantem por si só o bem-estar e a recuperação de seu filho, e quando a mãe se dá conta disso, a angústia que já havia se instalado, aumenta.

Na fenomenologia de Heidegger, quando uma pessoa se angustia surge uma oportunidade de existir autenticamente, pois o sentimento aproxima indivíduo de sua condição ôntica no mundo, fazendo com que ele se perceba como um ser que sempre pode ser mais, enfrentando seus medos e dificuldades. Nesse sentido, quando as mães experienciam isso, surge a oportunidade de existirem autenticamente. Entretanto, mesmo que esse processo seja uma possibilidade de autenticidade, deve-se levar em conta também o sofrimento e o estresse dessas mães, durante um processo tão complicado e doloroso.

Portanto, para que as mães consigam lidar com o estresse da hospitalização, é necessário desenvolver relações empáticas com os profissionais de saúde, pois eles criam o cenário em que elas próprias vivenciam a experiência e são também cuidadoras de seus filhos. Além disso, existe uma necessidade urgente de estabelecer a reconciliação entre cuidadores e destinatários de cuidados (por exemplo: familiares), pois a distância entre eles pode levar ao surgimento de emoções como medo, ansiedade, dor, insegurança, entre outros, que podem produzir sofrimento psicológico.

A relação dos pais após a morte de um filho

Na ocasião em que se perde um filho, priva-se de uma compreensão dos dias a seguir de um futuro, levando em conta que as mães depositam em seus filhos seus anseios. Certo que um filho se torna mais que uma ampliação biológica de seus pais, todavia também psicológica observado que existe um investimento a contar do nascimento de zelo, amor, tempo e cuidado. Quando se perde um filho, perde um fragmento do nosso ser. Quando é interrompida a vida de um filho, os

pais drasticamente serão atingidos.

A morte de um filho acompanha-se um sentimento de falha e perda de prazer pela vida. quando se percebe que a vida de seu filho nunca mais existirá e não há nada que se possa mudar o ocorrido, essa realidade é demasiada dolorosa causando uma vasta desestruturação dos pais.

Um número reduzido dos pais atravessa uma dificuldade em demonstrar algum tipo de sentimento aos filhos sobreviventes e começam a vivenciar um sentimento de ambivalente, pois visto que o medo de se afeiçoar a esse filho e ele vim a falecer também, de outro modo alguns pais há se envolver demasiadamente com medo de ocorrer outra perda (Silva *et al.*, 2009).

Estudos apontam que em decorrência do falecimento da criança, além dos pais, o restante da família também pode vir a manifestar mudanças de comportamentos, dificuldades na vida escolar, e até tentativas de suicídios.

A relação dos pais após a morte de um filho ou durante o processo de adoecimento da criança pode ser vivenciada pelos integrantes da família de maneiras distinta. Em que condiz com a fase na qual cada pessoa está experimentando, suas crenças, valores e subjetividades. Além disso, as famílias que são capazes de demonstrar com maior intensidade suas afeições e partilhar suas angústias no que diz respeito a perda vivenciada, as adaptações ocorrem naturalmente, de outro modo famílias que são menos agregadas e que se expõem menos, suas emoções acabam por se manifestar negativamente através de sintomas físicos ou emocionais.

O luto e o luto materno

O luto passa por meio de um processamento na qual é natural o rompimento de laços afetivos com outro ser, ou, à perda do objeto amado. Enfrentar a perda e o luto dependerá de diversos fatores, como o relacionamento estabelecido com o falecido, o grau desse vínculo e a forma como a perda ocorreu. Diante do exposto, em doenças graves que ameaçam a vida ou um diagnóstico de doença terminal, ocorre o luto antecipatório. Um processo psicossocial que ocorre antes da morte propriamente dita, na qual a perda já é sentida e, pode ser elaborada.

Ao se tratar do termo em questão, Lindemann (1944) utilizou o nome “luto antecipatório” ao identificar que mulheres experimentam sintomas e

comportamentos intrínsecos ao indivíduo, senhoras previamente sofria antes mesmo que fossem se despedir dos maridos na qual iriam comparecer na guerra. Mais tarde o renome foi usado para retratar o luto específico aquilo que sobrevém aos cuidadores/acompanhantes dos doentes com enfermidades graves e prolongadas.

Nesse contexto, os acontecimentos estressantes e esgotantes exigem da família um preparo para a perda do indivíduo ainda em vida. Ao coexistir com a debilidade progressiva e a dor, o cuidador acaba enxergando a morte como um conforto para o sofrimento do sujeito amado. No entanto, quando ocorre o processo de finitude, pode estimular nos enlutados um sentimento de remorso e culpa.

Na medida em que esse assunto possa ser aclarado e tratado com sociabilidade, mais saudáveis serão as formas de lidar pelas pessoas com o processo do falecimento e do desviver. Isso permite que os pais que perdem seus filhos para o câncer, por exemplo, possam organizar uma rede de apoio social verdadeiro e amplo, de modo a atravessarem a trajetória psicossocial inerente ao processo de dor e luto.

3. Considerações Finais

Conclui-se que embora o luto mude ao longo do tempo, a experiência de perder um filho nunca é superada, e a dor não é mais vista como uma condição patológica, mas é entendida como como modificações da estrutura do ser-no-mundo.

A partir de estudos realizados sobre a morte na abordagem fenomenológica-existencial, é possível reconhecê-la como uma estrutura do existir na qual faz parte do desenvolvimento humano, mas, apesar disso, causa angústia, medo e rejeição. Questões existenciais como o fim da vida, a incerteza do que acontece após a morte e a transitoriedade da existência faz com que esse tema seja evitado na sociedade, o que dificulta o processo do luto.

Na relação parental, fica evidente que durante a internação de um filho existe o compromisso e interesse da mãe em compartilhar com ele o sofrimento vivido. E, ainda que seja o seu ‘porto seguro’, o cuidado dela, caracterizado pelo envolvimento, pela preocupação, e principalmente pelo amor. Porém, esses cuidados não garantem a recuperação da criança adoecida, gerando um sentimento de culpa para a mãe, já que este cuidado não o “curou”.

Ademais, a morte de um filho pode causar desestruturação no relacionamento dos pais, pois ela vem acompanhada de um sentimento de falha e perda de prazer pela vida. Mesmo tendo em vista que cada família lida com isso de forma subjetiva, a separação de pais após o falecimento do filho mostra-se bastante comum.

Por todos esses aspectos, foi possível concluir que o enfrentamento da perda e do luto é subjetivo, devido a diversos fatores, como o relacionamento estabelecido com o falecido, o grau desse vínculo, e a forma como a perda ocorreu. E, no caso de doenças graves que ameaçam a vida, ocorre o luto antecipatório, ou seja, uma morte na qual a família sabe que poderá acontecer a qualquer momento. Vale ressaltar que, quando existe manejo adequado, o luto antecipatório pode diminuir a dor do enlutado durante o processo de luto após o falecimento. As famílias que passam pelo luto devem ser acolhidas e cuidadas com atenção às suas especificidades e subjetividades. O luto materno é um tema delicado e que possui escassez de conteúdos e estudos, o que reforça a importância de discutir sobre ele, a fim de melhorar o apoio oferecido para essa população que se encontra fragilizada diante de uma difícil perda.

Referências

AMADEU, M. S. U. dos S. *et al.* **Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

BARBOSA, C. G.; MELCHIORI, L. E.; NEME, C. M. B. Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 363-377, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n3/v17n3a03.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

BENTO, A. V. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Académica da Universidade da Madeira), Funchal, v. 7, n. 65, p. 42-44, mai. 2012. Disponível em: http://bds.unb.br/handle/123456789/1172. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRANDÃO, F. R. M. **A repercussão da morte de um filho na organização e estrutura familiar:** Uma revisão de literatura. 2009. Dissertação (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Jorge Amado, Revista O portal dos psicólogos, 2009. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0184.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

FERREIRA, A. M. C. Amor como um modo existencial de afinação. **Princípios:** Revista de Filosofia, Natal, v. 23, n. 42, p. 99-124, set./dez. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.21680/19832109.2016v23n42ID10093. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/10093/pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

FREITAS, J. de L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013. Acesso em: 25 mar. 2021.

GOMES, D. M.; SOUSA, Airle M. A morte sob o olhar fenomenológico: revisão integrativa. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, 2017. DOI: 10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03revir25. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300014. Acesso em: 02 jun. 2021.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 10. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, S.; FORTIM, I. A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 771-778, dez. 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlpf/a/7yTK9V54t7FrypNfg7wZMnd/. Acesso em: 25 mar. 2021.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

OLIVEIRA, B. R. G. de.; COLLET, N. Criança hospitalizada: percepção das mães sobre o vínculo afetivo criança-família. **Rev Latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, p. 95-102, dez. 1999. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-11691999000500012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/p8bvLcQrNF3dK4BY58Nd6Fm/. Acesso em: 25 mar. 2021.

PICCININI, C. A. *et al.* Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, jan./mar. 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/dmBvk536qGWLgSf4HPTPg6f/?lang=pt. Acesso em: 04 jun. 2021.

RODRIGUES, A. S.; JORGE, M. S. B.; MORAIS, A. P. P. Eu e meu filho hospitalizado: concepção das mães. **Rev. RENE**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 87-94, set./dez. 2005. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13480/1/2005_art_asrodrigues.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021

ROEHE, M. V. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. **Estud. psicol.**, Natal, v. 11, n. 2, ago. 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/hft5kYWDpz6pC6wy43vYwSz/. Acesso em: 21 ago. 2024.

ROEHE, M. V.; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Lationoam.**, Bogotá, v. 32, n. 1, jan./abr. 2014. DOI: dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008. Acesso em: 21 ago. 2024.

SILVA, E. G.; ESCOLA, J. J. J.; ROHR, F. Fenomenologia existencial da morte: da comunhão a eternização do ser amado. **Paralellus**, Recife, v. 8, n. 18, p. 307-325, mai./ago. 2017. DOI: https://doi.org/10.25247/paralellus.2017.v8n18.p307-325. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322279149_FENOMENOLOGIA_EXISTENCIAL_DA_MORTE_DA_COMUNHAO_A_ETERNIZACAO_DO_SER_AMADO. Acesso em: 21 ago. 2024.

SILVA, É. Q. Ideário da Morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Rev. Bioét.**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 38-45, jan./mar. 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422019271284. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/bioet/v27n1/1983-8042-bioet-27-01-0038.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

SILVA, F. A. C. *et al.* Representação do processo de adoecimento de crianças e adolescentes oncológicos junto aos familiares. **Esc. Anna Nery**, v. 13, n. 2, p. 334-341, jun. 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/G6d8NvTtzNs8XB6jxxLXVph/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 21 ago. 2024.

SIMONETTI, A. **Manual de psicologia hospitalar:** o mapa da doença. 8. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

ZUBEN, N. A. V. A fenomenologia como retorno à Ontologia em Martin Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. 2, p. 85-102, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/trans/a/S88GZKLhd9TXk4b9w4vQYcr/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 21 ago. 2024.